

***Clarissimae feminae* nas comunidades cristãs: Uma reflexão sobre a “democratização” da cultura na Antiguidade Tardia**

Silvia M. A. Siqueira

I. Premissa: temas e problemas

A definição de Antiguidade Tardia é plural, fruto de um debate profícuo que indica uma periodização usada por historiadores modernos para descrever a época de transição do mundo antigo para o mundo medieval. O debate metodológico contém diferentes posições¹, as quais de modo geral, convergem para uma teia composta por várias causas internas e intrínsecas ao domínio romano e a incapacidade de resolver as suas inúmeras contradições. O termo indica a crise da sociedade clássica que se estruturou em um estado imperial cujas bases, em grande parte, foram estabelecidas sobre a tradição, o privilégio, e a insuficiência das instituições antigas².

A idéia desse período como o palco privilegiado para a “democratização da cultura”, proposta por S. Mazarino, é seguramente uma contribuição significativa e muito abrangente, em especial quando ele afirma que é no *tardio* que se encontra a chave interpretativa para entender a evolução do império em sua complexidade de problemas sociais e culturais³. Em toda a trajetória da fase imperial é gestado e amadurecido o fenômeno da “democratização da cultura”, um conceito que o autor elabora a partir da análise de autores antigos cristãos e não cristãos, mostrando como a ideia de liberdade e igualdade comparece em escritos desde a carta do apóstolo Paulo⁴, caracterizando assim o âmbito cristão com um *locus* capaz de evidenciar relações muito complexas estabelecidas entre Roma e as suas diversificadas Províncias.

¹ A bibliografia sobre este tema é enorme, aqui me limito a mencionar alguns expoentes: Brown 1974; Marrou 1979; Jones 1981; Cameron 1995.

² Cfr. Mazarino 2003 pp. 75-76. Ainda sobre a relevância do conceito deste autor para os estudos relativos à Antiguidade Tardia cfr. Carrié 2010.

³ Cfr. Mazarino 2003a; Mazarino 2003b; Mazarino 2008; Mazarino 2010.

⁴ Gal 3, 27-28.

A *Vrbs* criou uma estrutura de controle fundada predominantemente sobre a tradição do *mos maiorum* e o privilégio enquanto que a parte mais frágil, as *provinciae*, termina por buscar recursos de sobrevivência e resistência, sobre elas pesou sobremaneira a insuficiência das instituições romanas. Assim as “minorias” criativas oriundas de várias províncias com diferentes povos com cultura e língua próprias, mesmo que submetidas se mantiveram em suas respectivas culturas “locais” veiculadas pelas massas não integradas com a cultura helenística romana. Elas, de certa maneira, “competem” contra o estado imperial por meio da manutenção da sua cultura e língua, não obstante a imposição de Roma⁵. A face “democrática” evidencia-se em diferentes lugares, como por exemplo, a produção artística geral, as crenças religiosas, as evoluções lingüísticas, a afirmação das culturas nacionais⁶.

A experiência religiosa cristã enquanto um dos aspectos da “democratização da cultura”, seja no oriente ou no ocidente, produz complexos problemas: os cismas, as heresias, em especial no aspecto lingüístico colocam limites intransponíveis para a romanização. Nesse modo de interpretar é possível verificar o contexto sob o prisma da criação de um novo fermento cultural, por meio de novos vetores e atores sociais, inclusive as mulheres. As quais aparecerem nos textos escritos como veículos comunicativos absorvendo elementos próprios do discurso cristão⁷ revolucionando a espiritualidade, em especial porque desde Cômmodo “le loro donne vanno nei *didaskaleia* cristiani ed esse stesse cercano continuamente contatti con i vescovi cristiani”⁸.

Além de frequentar os bispos e monges cristãos para aprender sobre a Sagrada Escritura, elas foram agentes sociais importantes na prosperidade da comunidade católica romana que “può contare fra i suoi aderenti anche le ricchissime donne di rango senatorio (*clarissimae feminae*) le quali sostengono, in buona parte, la vita economica del cristianesimo romano”⁹. A igreja de Roma na qual Calixto estava ligado, foi muito criticada por Hipólito, prosperou baseada em uma economia de *largitiones* ou *operationes* de esmola. A

⁵ Cfr. Mazarino 2003a, p. 86-88, especialmente em relação aos limites à romanização impostos por meio da arte e da não aproximação entre sírios e coptas à classe dominante romano-bizantina.

⁶ Cfr. Carrié 2010.

⁷ Cfr. Carrié 2010, p. 467.

⁸ Mazarino 2003a, p. 68.

⁹ Mazarino 2010, p. 383.

economia eclesiástica fundava-se nas contribuições por meio de doações e de esmolas, mais do que qualquer outra atividade. As *clarissimae feminae* e os especuladores eram as principais fontes econômicas para a comunidade da *Vrbs*. As mulheres de boas famílias senatoriais eram fartamente exortadas a não gastar seu dinheiro com maquiagens, joias e luxuosos vestidos, antes deveriam preferir a vida eterna e para alcançá-la deve-se adotar um estilo de vida austero.

Assim temos a ação de mulheres como “agentes democráticas da cultura”, não apenas nas doações monetárias, mas na adoção de um outro estilo de vida, baseado na austeridade comportamental e na renúncia do prazer e do luxo. Por um outro lado, há também estudos voltados para outro fenômeno da Antiguidade Tardia, qual seja, a elite¹⁰ que na fase tardia passa por profundas transformações¹¹, pode-se dizer que estamos em um contexto de “elitização e democratização” cultural¹².

II. *Clarissimae feminae: alguns temas e problemas*

Este artigo não tem como objetivo uma discussão exaustiva sobre a questão das mulheres da elite romana que se converteram ao cristianismo (*Clarissimae feminae*), desde que os estudos sobre as mulheres aumentaram significativamente a partir da década de 1980 até hoje há um conjunto bibliográfico gigantesco sobre este tema¹³. O objetivo aqui é apenas analisá-las e apontar alguns problemas característicos da Antiguidade Tardia, a partir do paradigma da “democratização da cultura” de S. Mazzarino.

Os temas mais comuns e suas respectivas problemáticas orbitaram ao redor do debate sobre a escolha ascética e o abandono da *urbe* e da vida mundana, procurando a partir das reflexões dar

¹⁰ A palavra elite é usada aqui para denominar determinados sujeitos da sociedade tardo-antiga, como a aristocracia senatorial, os bispos, os altos funcionários da burocracia imperial, os expoentes das cidades do império, enfim agentes que atuaram desde Constantino até Justiniano. Para manter a posição de hegemonia política, econômica e cultural. Indispensável a leitura dos Atos do Encontro Internacional que ocorreu na Perugia em março de 2004 cujo tema foi “Le trasformazioni delle *Élites* in età Tardo Antica”, cfr. Testa 2006.

¹¹ Cfr. Testa 2006.

¹² Cfr. Carrié 2010.

¹³ Apenas para citar os principais usados nesse artigo remetemos para Brown 1975; Consolino 1986; Mattioli 1992; Giannarelli 2002; Leonardi – Santi – Valerio 2002; Giannarelli 2003; Consolino 2006; Borresen – Prinzivalli, 2013.

identidade para as mulheres. Posteriormente passou-se ao estudo das relações entre os sexos e para a divisão entre o masculino e o feminino nas práticas sociais e nos discursos, reconhecendo a centralidade das ideias de gênero na compreensão da cultura antiga e da religião. A partir de conceitos como tradicionalismo e transgressão foi possível ainda traçar perfis muito interessantes de nobres mulheres¹⁴.

Aliar dois temas muito profundos como o peso da tradição e a possível transgressão não apenas proporciona a possibilidade de verificar a expansão do cristianismo, bem como das adaptações da elite que não ficaram indiferentes ao aparecimento de novas tendências culturais. Em parte porque em muitos aspectos, alguns valores sociais foram alterados para defender as ideias cristãs, abrindo uma exceção no complexo sistema de referências mentais e aos valores intelectuais do *mos maiorum*.

Estudos indicam que a conversão masculina na classe senatorial foi muito menor do que a feminina, entretanto, abordar a questão da conversão da elite para o cristianismo considerando os gêneros, não resolve muitos problemas que possibilitem a nossa compreensão sobre o “espírito” e as motivações da mudança de religião. A questão que pode ajudar, em especial em relação ao nível cultural é o impacto no contexto sociocultural. Em relação as mulheres da classe senatorial que se converteram publicamente, mesmo com a adoção de um comportamento austero quebrando um pouco um vínculo profundamente tradicional do *mos maiorum* elas não romperam completamente o papel de *mater familias*, mantendo, seus vínculos familiares, suas responsabilidades de matronas não encerrando-se completamente na vida ascética¹⁵.

Dois personagens exemplares: Melania Senior e Marcella que mudaram o suposto rumo natural de suas vidas ao escolher a vida dedicada à oração e aos serviços da igreja cristã. Elas são exemplos que mostram os caminhos possíveis a serem escolhidos por mulheres do alto nível social romano que fizeram mais do que apoiar financeiramente por meio de ações de caridade com doações em prol da construção de monastérios na Terra Santa, e no auxílio material de seus mestres espirituais respectivamente Rufino e Jerônimo. Os testemunhos sobre elas nos conduzem também para um cenário em que muito mais do que a ascese e o refúgio da vida mundana, elas

¹⁴ Cfr. Consolino 2006, pp. 65-139.

¹⁵ Cfr. Consolino 2006.

também se interessaram e, parece que atuaram de maneira sistemática nas reflexões teológicas, nos debates cristológicos e sobretudo, no estudo da Sagrada Escritura.

Ambas foram objeto de biografias e homenagens por parte de clérigos e mestres, e são esses testemunhos que possibilitam entrar em uma pequena fenda capaz de mostrar o interesse pelos estudos, a formação em diferentes línguas, a posição social vivida muito além do simples fato de serem ricas e contribuírem livremente com a construção de igrejas, monastérios e monumentos como forma de veneração ao Cristo, mas também como agentes sociais.

E. Giannarelli¹⁶ proporciona um elenco bibliográfico significativo de trabalhos sobre algumas mulheres cristãs que foram biografadas e homenageadas e destaca o fato de que as obras cristãs do IV e V séculos, são filhas da retórica clássica, as quais usam as estruturas e os *topoi* dos *bioi* antigos como tal, ao biografar mulheres a abordagem utilizada inscrevia-se na abordagem filosófica seja como herança do mundo clássico ou como uma elaboração própria do pensamento cristão. Ao mesmo tempo, inicia o modo cristão especificamente para escrever sobre um santo, ou melhor, de um personagem exemplar para depositar a admiração, a imitação e em última análise a devoção dos leitores. Em última instância consagrando a protagonista, digna de imitação e lembrança valorizando filosoficamente as mulheres. Enfim, segundo ela, as biografias femininas nasceram após um longo processo de aproximação de mulheres com a filosofia. O que acarretou uma revolução nos valores, a biografia cristã à época mudou em relação à figura feminina. Significativas são algumas cartas de Jerônimo onde encontramos verdadeiras *vitae* de mulheres, ou um desenvolvimento biográfico, por exemplo a carta *Ad Marcellam de vita Asellae*¹⁷ destinada para Marcella onde Jerônimo trata sobre a vida de Asela, ou a epístola *Epitaphium Sanctae Paulae*¹⁸ o elogio fúnebre de Paula, bem como a missiva *Ad principiam virginem de vita sanctae Marcellae*¹⁹, destinada à Príncipia e trata da vida de Marcella, dando assim à forma epistolar a característica de difundir amplamente os acontecimentos narrados ou também à própria homenageada na carta.

¹⁶ Cfr. Giannarelli 1992.

¹⁷ Hier. Ep. XXIV 1-5.

¹⁸ Hier. Ep. CVIII 1-33.

¹⁹ Hier. Ep. CXXVII 1-13.

Além de Jerônimo, outros Pais da Igreja também escreveram sobre *clarissimae feminae* autores não cristãos como Celso, Porfírio, Juliano, Libânio, Ammiano Marcellino. De modo geral as argumentações acusam que as mulheres da aristocracia, seja no oriente ou no ocidente, após a conversão adotavam a vida ascética e gastavam suas grandes fortunas²⁰. Enfim por um lado destinatárias de louvores e elogios, por outro consideradas como mulheres que violaram a sua própria natureza, mas de qualquer maneira sempre objeto de atenção comprovando que a tradição clássica em relação as mulheres pode ser expressa na afirmação de Tucídides, segundo a qual “a melhor mulher é aquela da qual menos se fala, seja bem ou mal”²¹ ainda estava em vigor.

III. Clarissimae feminae: Fiunt, non nascuntur Christiani

Se é no processo de “democratização da cultura” que é possível verificar mulheres da elite, é justamente no campo da cultura que queremos procurá-las. A cultura na Antiguidade Tardia, mais especificamente no império romano, em sua gigantesca extensão territorial, era plural e diversa. Muito mais do que indicar os diferentes campos do saber, da educação, dos costumes, da religião, a cultura está profundamente enraizada na construção da identidade de comunidade por meio do processo de aprendizado e de instrução²².

A aristocracia romana era composta por pessoas cultas, gramáticos, retores, estudiosos especializados, altos funcionários da burocracia. No período tardio as práticas intelectuais de leitura e escrita estavam cada vez mais circunscritas a determinados grupos, em ambientes sociais restritos nos quais a cultura se fossilizava em experiências livrescas voltadas para conservar a herança da tradição. Em Roma não havia uma iniciativa pública, de Estado, em relação ao estudo ou formação escolar. Assim os últimos pagãos ou os sempre mais numerosos convertidos e cristãos instruídos, liam os “clássicos” privadamente, encomendavam livros e trabalhos filológicos que mantinham em suas bibliotecas privadas²³. Em relação a cultura de mulheres, ou mais especificamente sobre a sua educação temos

²⁰ Cfr. Rinaldi 1995.

²¹ Giannarelli 1992, p. 224

²² Cfr. Cameron 1995.

²³ Cfr. Cavallo 2002b, p. 275.

informações significativas, elas liam e escreviam²⁴, eram dotadas de refinada cultura, promoviam atividades literárias com a apresentação de poetas e escritores, escreviam suas próprias prosas ou poesias²⁵. Entretanto é na fase das muitas conversões quando a Roma pagã cada vez mais se torna cristã que temos notícias de que as Sagradas Escrituras eram lidas intensivamente e estudadas com ardor.

A educação no final do IV século era transmitida nos moldes tradicionais com base na gramática e na retórica usando os autores clássicos: Cícero, Salústio, Livio, Horácio e Virgílio. Era feito na *domus*, nas casas das famílias das novas aristocracias provinciais, envolvia pais, parentes, escravos, pedagogos e instrutores particulares, há quem afirme que o modelo da educação familiar fomentou o imaginário coletivo de Roma, aliando o paradigma da *res publica* dos *patres* no horizonte ideológico de posições conservadoras, com elevados traços, nostálgicos e idealizados, no campo literário e figurativo. Entretanto, a educação escolástica também se difundiu muito influenciado por precedentes gregos, evidentes na forte influência do helenismo na organização da cultura romana²⁶.

Não é de se estranhar que Jerônimo aconselha uma educação para Paula, filha de Leta, nos moldes tradicionais das escolas domésticas. Para ele os cristãos não nascem cristãos, mas tornam-se cristãos²⁷; naturalmente que este tornar-se – *fiunt* – tem diversos caminhos e a educação é um deles. O mestre atendendo a um pedido de Marcella e dos parentes de Letta aconselha como deverá ser educada a menina. A primeira recomendação é que deverá ser ensinada conforme o lugar de nascimento²⁸. Indicando assim o uso de um modelo educativo capaz de distinguir o lugar aristocrático adequado para a destinatária dos conselhos. Jogar é uma técnica empregada para que o próprio jogo seja um instrumento de instrução²⁹, é particularmente Quintiliano que dá uma importância significativa para o *ludus* como um método auxiliar e facilitador do aprendizado³⁰. Além do lúdico, a menina deveria trazer todo o

²⁴ Cfr. Cavallo 1986.

²⁵ Cfr. Segenni 2002; Hemelrijk 2004.

²⁶ Cfr. Gianotti 1989, p. 425.

²⁷ Hier. *Ep.* CVII 1: “*Fiunt, non nascuntur Christiani*”.

²⁸ Hier. *Ep.* CVII 3: “*Igitur quae de repromissione nata est, dignam habeat ortu suo institutionem parentum*”.

²⁹ Hier. *Ep.* CVII 4: “*Ludat in eis, ut et lusus eius eruditio sit*”.

³⁰ Cfr. Novembri 2005, p. 196.

alfabeto na memória sem trocar a ordem até conhecer as letras pelo som e pela grafia “*ut eas non sonu tantum, sed et visu noverit*”³¹.

A criança deve ser ensinada por outra pessoa, em caso de tremer as mãos sobre a cera, que outra pessoa coloque a mão sobre a mão e guie os delicados dedos, para que o texto não ultrapasse as margens e não saíam fora. Que aprenda a juntar as sílabas, e seja estimulada por prêmios, pequenos presentes de gosto da idade. Enfim, Jerônimo trabalha com técnicas da educação clássica do preparo da memória, da escolha de um mestre de idade e de doutrina aprovada, que certamente não se envergonhará da tarefa ainda que seja para educar uma nobre virgem³². A influência da tradicional educação continua a ser registrada nos conselhos para que a pequenina deixe de ser criança e atinja a sabedoria e a letra Y de Pitágoras, conduza a possibilidade de escolha entre dois caminhos³³; afinal é este o significado da letra “y”, na cultura helenística, símbolo de liberdade de eleição, por sua forma de caminho bifurcado.

Aconselhando para a nobre garota uma forma educacional baseada no método pedagógico tradicional da educação clássica, apenas inserindo e trocando textos e autores não cristãos pela literatura bíblica. Um esforço do dia a dia, decorando um determinado número de linhas diárias até saber completamente as Escrituras, aprendendo no ritmo dos versos gregos: “*Ediscat graecorum versuum numerum*”³⁴. Mas na sequência do aprendizado a partir da sonoridade da composição poética grega, o mestre faz uma árdua defesa da língua latina quando afirma: “*Sequatur statim et Latina eruditio*”³⁵, para que a pronúncia não fique maculada com um acento estrangeiro, e modelando desde a infância de modo a evitar a contaminação do idioma paterno com os vícios estrangeiros, sendo assim a língua latina a mestra maior constituindo na admiração da infância “*quae si non ab initio os tenerum composuerit, in peregrinum sonum lingua corrumpitur, et externis vitiis sermo patrius soridatur. Te habeat magistram, te rudis miretur infantia*”³⁶. Enfim, mesmo que o método

³¹ Hier. Ep. CVII 4.

³² *Ibidem*: “*Magister probae aetatis et vitae atque eruditionis est eligendus; nec, puto, erubescit vir doctus id facere vel in propinqua, vel in nobili virgine*”.

³³ Hier. Ep. CVII 6: “*Donec ad anos sapientiae veniat, et Pythagorae litterae eum perducant ad bivium*”.

³⁴ Hier. Ep. CVII 9.

³⁵ *Ibidem*.

³⁶ *Ibidem*.

seja estrangeiro, ou grego como queira, a *lingua mater* deve ser a latina. O adiestramento educacional da menina deve ser ainda temperado com orações, canto de hinos e também saber trabalhar com a lã, preenchendo integralmente o tempo da educanda, direcionando o raciocínio para a completa disciplina. E a leitura dos livros deve ser feita com crítica e não para seguir o que ali está indicado: “*Ceteros sic legat, ut magis iudicet quam sequatur*”³⁷.

As cartas de Jerônimo são fontes privilegiadas de informações sobre a educação e as mulheres da elite, basta lembrarmos do “círculo do Aventino”. Localizado em uma das sete colinas de Roma, o bairro Aventino, onde estava a casa de Marcella, foi lugar de reunião e estudos de várias mulheres da classe senatorial: Paula, Eustóquia, a mãe de Marcella cujo nome é Albina, Marcelina e Felicidade³⁸. O que conforme exposto acima não constitui novidade no cenário cultural, visto que desde a época antiga da cidade há a difusão da alfabetização, as mulheres frequentavam uma escola ou um mestre, havia *matronæae* e *puellæ doctæ* em grau de ler e escrever³⁹. A elite culta possuía em sua própria *domus* escravos, libertos peritos em escrita e algumas vezes em técnicas editoriais de textos, adequados para a produção de livros e coleções e leituras privadas. Uma prática difusa desde o império até a Antiguidade Tardia⁴⁰. Assim não é de se estranhar quando Jerônimo é convidado para participar das reuniões, segundo ele próprio gozava de prestígio no estudo das Sagradas Escrituras⁴¹.

*IV. Marcella: Nihil mihi scribis, nisi quod me torqueat et scripturas legere compellat*⁴²

Jerônimo em suas várias cartas, e em parte de sua obra, constrói um cenário onde, suas discípulas, não raro as nomeia de sábias (*ingenium*) como algumas mulheres da bíblia presentes no Comentário ao Livro de Isaías. Alunas e discípulas que rezavam com fervor, que

³⁷ Hier. *Ep.* CVII 12.

³⁸ Hier. *Ep.* XLV 7.

³⁹ A questão da alfabetização, da prática da leitura e da difusão de livros na antiguidade conta com uma bibliografia significativa. Em relação a história dos clássicos e dos textos da tradição cristã, a história do livro e das grandes coleções antigas e medievais gregas e latinas cfr. Cavallo 2002a.

⁴⁰ Cfr. Cavallo 2002b.

⁴¹ Hier. *Ep.* CXXVII 7: “... *et quia alicuius tunc nominis aestimabar super studio scripturarum*”.

⁴² Hier. *Ep.* XXIX 2.

expressavam elegância ao falar sua língua e possuíam memória tenaz e espírito agudo.

Tratar de preceitos educativos para o público feminino no discurso de Jerônimo, remete sempre para os modelos tradicionais de mulheres romanas, oriundas do ambiente cultural do *mos maiorum*. Ainda que a educação fosse permitida para as mulheres, era sempre aconselhado moderação, objetivando o uso em âmbito privado, e desaconselhado a demonstração pública que poderia ser entendida como um símbolo de luxo e de emancipação⁴³. No caso da educação cristã, e mais especificamente nas matronas do “círculo do Aventino”, encontramos a difusão de uma instrução voltada para objetivos cristãos combinada com um zelo enorme para com a erudição.

Assim o grupo se ocupava da leitura dos Salmos, do Cântico dos cânticos, do aprendizado da língua mãe, o latim, e da língua grega. Não apenas a leitura e a escrita, mas a pronúncia foi objeto de muita atenção, para não evidenciar o acento. Além das duas línguas clássicas o grupo também estudou o hebraico para ler as Sagradas Escrituras foi uma prática atentamente vigiada, o elogio de Blesilla, filha da viúva Paula, dá conta que a jovem falava grego perfeitamente e quem ouvia a pronúncia poderia até pensar que a jovem não sabia o latim: “*Si Graece audisses loquentem, Latine eam nescire iurasses*”⁴⁴; porque a sua língua era falada com a sonoridade romana e não se notava nenhum acento estranho, “*si in Romanum sonum lingua se verteret*”⁴⁵. A jovem conseguiu vencer as suas dificuldades e aprendeu o hebraico, de modo a competir com sua mãe Paula na declamação dos salmos⁴⁶.

Mas o uso da pedagogia clássica, com leitura dos cônicos, dos historiadores, de Virgílio parece ter sido utilizada pelo mestre⁴⁷, um exemplo interessante é quando Jerônimo escreve para Paula o catálogo das obras de Orígenes e compara a grandeza da obra do alexandrino com aquela de Marco Terencio Varrão⁴⁸, mesmo usando este autor com as sua obra gigantesca, ao fazer o elenco da produção

⁴³ Cfr. Cavallo 1995; Novembri 2005, part. p. 189.

⁴⁴ Hier. Ep. XXXIX 2.

⁴⁵ *Ibidem*.

⁴⁶ Hier. Ep. XXXIX 3: “*Sed diebus ita Hebraeae linguae vicerat difficultates, ut in ediscendis canendisq; psalmis cum matre contenderet*”.

⁴⁷ Rufino em sua *Apologia II* reprova Jerônimo; cfr. Novembri 2005, p. 199.

⁴⁸ Hier. Ep. XXXIII 1: “*Marcum Terentium Varronem miratur antiquitas, quod apud Latinos innumerabiles libros scripserit*”.

de Orígenes conclui com uma pergunta retórica: “*Videtisne et Graecos pariter et Latinos unius labore superatos?*”⁴⁹.

A moldura da educação clássica está presente em diferenciadas formas no decorrer das cartas, ao escrever para Paula sobre o Salmo 118 afirma que a matéria moral é igual aos dos filósofos⁵⁰; do mesmo modo que os filósofos dividem seus tratados em física, ética e lógica, assim também as palavras divinas tratam do bem da natureza⁵¹, como no Gênesis e no Eclesiastes, ou sobre os costumes como nos Provérbios, e de maneira dispersa em todos os livros⁵², enfim apresenta as abordagens filosóficas da lógica e a dialética. Segue com a exposição fazendo relação com a métrica poética da cultura clássica assim exposto a cada letra segue apenas um versículo, construído como trímetro iâmbico⁵³, enquanto que os últimos versos são construídos rimados como tetrâmetros iâmbicos⁵⁴. E continua expondo didaticamente diversas outras partes da Bíblia usando as técnicas clássicas que naturalmente a viúva conhecia e podia entender a explicação didática do mestre. Exemplos assim podem ser encontrados em várias cartas enviadas para Marcella, a mulher que ele nomeou nossa *diligentissima*.

Ora se para as viúvas que compunham o coro da castidade da igreja doméstica⁵⁵, ele expõe didaticamente, para as jovens aprendizes as atividades de estudos. A elaboração de uma cultura cristã monástica foi um dos temas de umas das cartas do exigente mestre. O estudo das sagradas escrituras tinha o mesmo peso que o trabalho com a lã. O treinamento tinha três pilares básicos: o primeiro a memorização da Sagrada Escritura, particularmente os Salmos, fundamentais para a liturgia, depois o conhecimento do hebraico, a língua “mãe” mas seguido da pleno domínio do grego e do latim. Ainda o aprendizado de canto, treinando para a perfeita dicção e entonação dos salmos na

⁴⁹ Hier. Ep. XXXIII 5.

⁵⁰ Hier. Ep. XXX 1: “*Nudius tertius cum centesimum et octavodecimum psalmum tibi insinuare conarer, et dicerem omnem moralem locum in eo esse comprehensum et quomodo philosophi solerent disputationes suas*”.

⁵¹ *Ibidem*: “*In physicam et ethicam logicamque partiri, ita et eloquia aut de natura disputare*”.

⁵² *Ibidem*: “*Vt in Genesi et Ecclesiaste, aut de moribus, ut in Proverbiis, et in omnibus sparsim libris*”.

⁵³ Hier. Ep. XXX 3: “*Verum in prioribus singulis litteris singulos versiculos qui trimetro iambico*”.

⁵⁴ *Ibidem*: “*Constant esse subnexos, inferiores vero tetrametro iambico constare*”.

⁵⁵ Hier. Ep. XXX 14: “*Castitatis chorum et domesticam tuam ecclesiam*”.

liturgia. Ora esse manual educacional tinha sobretudo o objetivo de portar às discípulas do mestre à compreensão do significado daquilo que era lido e do que era cantado, sobretudo porque eram considerados textos altamente inspirados. Enfim, o estudo sistemático e a leitura contínua bases fundamentais da atividade pedagógica do ensino clássico foram usados abundantemente por Jerônimo em seu método de ensino.

No projeto educativo do mestre predomina o método do modelo do ensinamento comum clássico: saber de memória, fazer a perfeita *declamatio*, sobretudo com longos exercícios para não apresentar acentos de línguas estrangeiras. Enfim, em termos de métodos e técnicas educacionais continua o clássico. Educação que certamente todas as *clarissimae feminae* haviam recebido como formação adequada para a posição social ocupadas por elas, além da significativa cultura erudita.

Mulheres como as interlocutoras de Jerônimo, Marcella, Paula, Melânia, Leta e algumas outras eram capazes de conhecer, nas entrelinhas das cartas e dos comentários exegéticos, as referências aos clássicos oriundos da literatura e filosofia não cristã. Ainda que algumas *clarissimae feminae* que foram homenageadas com elogios fúnebres e biografias, destinatárias de verdadeiros tratados e modelos de “santas mulheres”. A exiguidade das fontes documentais não permite que saibamos sobre testemunhos diretos registrados por mãos femininas, e de qual seria a relação dessas mulheres com seus estudos, como elas leram e interpretaram a Sagrada Escritura. Nem mesmo saber a possível colaboração delas na composição de tratados exegéticos e de traduções.

Possivelmente o caso da participação de Marcella na controvérsia entre Jerônimo e Rufino, possa iluminar um pouco. Jerônimo, um personagem sempre controverso e muito criticado por seus detratores pela sua arrogância intelectual, no elogio fúnebre da nossa matrona⁵⁶, usa fartamente dos recursos estilísticos em favor da defesa e exaltação dos dons intelectuais e morais dela, apresentando as suas qualidades específicas⁵⁷, assim ele constrói um perfil bastante instigante para uma mulher daquela época, dona de um inacreditável ardor pelas divinas escrituras⁵⁸, e o seu comportamento é comparado

⁵⁶ Hier. *Ep.* CXXVII 1-14.

⁵⁷ Hier. *Ep.* CXXVII 1: “*Nihil in illa laudabo, nisi quod proprium est*”.

⁵⁸ Hier. *Ep.* CXXVII 4: “*Divinarum scriptarum ardor incredibilis*”.

àquele das santas mulheres, companheiras de Jesus, que o ajudaram com os seus recursos materiais⁵⁹. Segundo Jerônimo ela nunca se dava por satisfeita em saber sobre os textos sacros e sempre apresentava novas questões *numquam convenit, quin de scripturis aliquid interrogaret nec statim adquiesceret*. As notícias sobre a sua capacidade e dedicação aos estudos se espalharam pela cidade de Roma, e ela passou a ser procurada para responder a dúvidas quando surgia alguma discussão sobre algum texto da bíblia⁶⁰.

V. Concluindo

Assim retomamos a questão colocada pela “democratização da cultura” na Antiguidade Tardia, as *clarissimae feminae* mais do que proporcionar o sustento econômico e protetoras dos seus mestres foram impulsionadas também por uma necessidade de estudo, de conhecimento devido, muito provavelmente pela sensibilidade da sua própria cultura, da formação greco-romana. Também o estudo da sagrada escritura foi feito a partir de métodos e técnicas próprios da formação clássica, deveriam saber de memória, do mesmo modo que um dia aprenderam as poesias e os grandes escritores clássicos. Ainda, além de saber o grego e o latim, o aprendizado do hebraico, a possibilidade de viajar até a Terra Santa, o contato direto com os lugares e as histórias bíblicas possibilitaram o contato com outro modo de pensar e viver, e também a necessidade de traduzir os textos sagrados, entender os seus significados e contextos, de fazer uma aproximação entre Ocidente e Oriente. Enfim, o próprio ambiente plural e diversificado que deu oportunidade para aprofundar a formação erudita, usando a palavra escrita, ou o discurso judaico-cristão por meio da leitura e do aprendizado das Sagradas Escrituras. Entretanto, o método de aprendizado, de leitura de compreensão é a matriz estrutural da formação do raciocínio lógico do método clássico greco-romano de formação. A *forma* se mantém, salvaguardo suas respectivas especificidades, enquanto que a *substantia* é alterada sob o complexo processo de “democratização da cultura”.

⁵⁹ Hier. Ep. CXXVII 5: “*Qui se recordetur sanctas feminas, comites Domini salvatoris, quae ministrabant ei de sua substantia*”.

⁶⁰ Hier. Ep. CXXVII 4: “*Si aliquo testimonio scripturarum esset oborta contentio, ad illam iudicem pergeretur*”.

Bibliografia

- Borresen – Prinzivalli 2013: K.E. Borresen, E. Prinzivalli (edd.), *Le donne nello sguardo degli antichi autori cristiani. L'uso dei testi biblico nella costruzioni dei modelli femminili e la riflessione teologica dal I al VII secolo*, Trapani 2013
- Brown 2001: P. Brown, *Il Mondo Tardo Antico. Da Marco Aurelio a Maometto*, Torino 2001
- Cameron 1995: A. Cameron, *Il tardo impero romano*, Bologna 1995
- Carrié 2010: J.-M. Carrié, *Elitismo cultural e "democratização da cultura" no Império Romano Tardio*, «História» 29, 1 (2010), pp. 456-474
- Cavallo 1989: G. Cavallo, *Conservazione e perdita dei testi greci: fattori materiali, sociali, culturali*, in A. Giardina (ed.), *Società romana e impero tardoantico, IV: Tradizioni dei Classici e trasformazioni della cultura*, Roma – Bari 1989, pp. 49-175
- Cavallo 1995: G. Cavallo, *Donne che leggono, donne che scrivono*, in R. Raffaella (ed.), *Vicende e figure femminili in Grecia e a Roma. Atti del Convegno, Pesaro 28-30 aprile 1994*, Ancona 1995, pp. 517-525
- Cavallo 2002a: G. Cavallo, *Dalla parte del libro. Storie di trasmissione dei classici*, Urbino 2002
- Cavallo 2002b: G. Cavallo, *Segni e voci di una cultura urbana*, in A. Giardina (ed.), *Roma antica*, Roma 2002, pp. 247-279
- Consolino 1986: F.E. Consolino, *Modello di comportamento e modi di santificazione per l'aristocrazia femminile d'Occidente*, in A. Giardina (ed.), *Società romana e impero tardoantico, I: Istituzioni, ceti, economie*, Roma – Bari, pp. 273-306
- Consolino 2006: F.E. Consolino, *Tradizionalismo e trasgressione nell'Élite senatoria romana: ritratti di Signore fra la fine del IV e l'inizio del V secolo*, in R.L. Testa (ed.), *Le trasformazioni delle Élites in età Tardoantica. Atti del Convegno Internazionale, Perugia, 15-16 marzo 2004*, Roma 2006, pp. 65-139
- Giannarelli 1992: E. Giannarelli, *La biografia femminile: temi e problemi*, in U. Mattioli (ed.), *La donna nel pensiero cristiano antico*, Genova 1992, pp. 223-246
- Giannarelli 2002: E. Giannarelli, *Antiche lettrici della Bibbia: dame, martiri e pellegrine*, in C. Leonardi, F. Santi, A. Valerio (edd.), *La Bibbia nell'interpretazione delle donne. Atti del Convegno di*

- studi promosso dalla Fondazione Ezio Franceschini e dal Centro Adelaide Pignatelli (Napoli, Centro Adelaide Pignatelli, 27-28 maggio 1999), Firenze 2002, pp. 23-48*
- Giannarelli 2003: E. Giannarelli *Un genere senza confini: l'epistolografia negli autori cristiani di IV e V secolo*, in F.E. Consolino (ed.), *Forme letterarie nella produzione latina di IV e V secolo con uno sguardo a Bisanzio*, Roma 2003, pp. 33-52
- Gianotti 1989: G.F. Gianotti, *I testi nella scuola*, in G. Cavallo, P. Fedeli, A. Giardina (edd.), *Lo spazio letterario di Roma antica, II: La circolazione del testo*, Roma 1989, pp. 421-466
- Hemelrijk 2004: E.A. Hemelrijk, *Matrona docta: Educated Women in the Roman Élite from Cornelia to Julia Domna*, London 2004
- Jones 1981: A.H.M. Jones, *Il tardo impero romano: 284-602 d.C.*, Milano 1981
- Leonardi – Santi – Valerio 2002: C. Leonardi, F. Santi, A. Valerio (edd.), *La Bibbia nell'interpretazione delle donne*, Tavarnuzze – Firenze 2002
- Marrou 1979: H.I. Marrou, *Decadenza romana o tarda antichità? III-IV secolo*, Milano 1979
- Mattioli 1992: U. Mattioli, *La donna nel pensiero cristiano antico*, Genova 1992
- Mazzarino 2003a: S. Mazzarino, *Il basso impero. Antico, tardoantico ed èra costantiniana*, I, Bari 2003
- Mazzarino 2003b: S. Mazzarino, *Il basso impero. Antico, tardoantico ed èra costantiniana*, II, Bari 2003
- Mazzarino 2008: S. Mazzarino, *L'Impero romano*, I, Roma – Bari 2008
- Mazzarino 2010: S. Mazzarino, *L'Impero romano*, II, Roma – Bari 2010
- Momigliano 1992: A. Momigliano, *Macrina: una santa aristocratica vista dal fratello*, in G. Arrigoni (ed.), *Le donne in Grecia*. Roma – Bari 1992, pp. 331-344
- Novembri 2005: V. Novembri, *L'educazione delle donne nel cristianesimo antico. Fra modelli tradizionali e nuovi paradigmi*, in AA. VV., *Storia delle donne*, Firenze 2005, I, pp. 187-200
- Rinaldi 1995: G. Rinaldi, *Donne "autonome e innovative". Le donne cristiane viste dai pagani* in A. Valerio (ed.) *Donna, potere e profezia*, Napoli 1995, pp. 97-119

- Segenni 2003: S. Segenni, *Donne e lavoro intellettuale nella documentazione epigrafica*, in A. Buonopane, F. Cenerini (edd.), *Donna e lavoro nella documentazione epigrafica, Atti del I seminario sulla condizione femminile nella documentazione epigrafica (Bologna 2002)*, Faenza 2003, pp. 155-161
- Testa 2006: R.L. Testa, *Introduzione*, in R.L. Testa (ed.), *Le trasformazioni delle élites in età tardoantica, Atti del Convegno Internazionale (Perugia, 15-16 marzo 2004)*, Roma 2006, pp. 9-14